

ANNO 4

SABBADO 26 DE AGOSTO DE 1871.

N.191

# VIDA FLUMINENSE

folha ilustrada  
semanal

ESCRITÓRIO

RUA DO OUVIDOR

32 - cahende - 52

CORTE

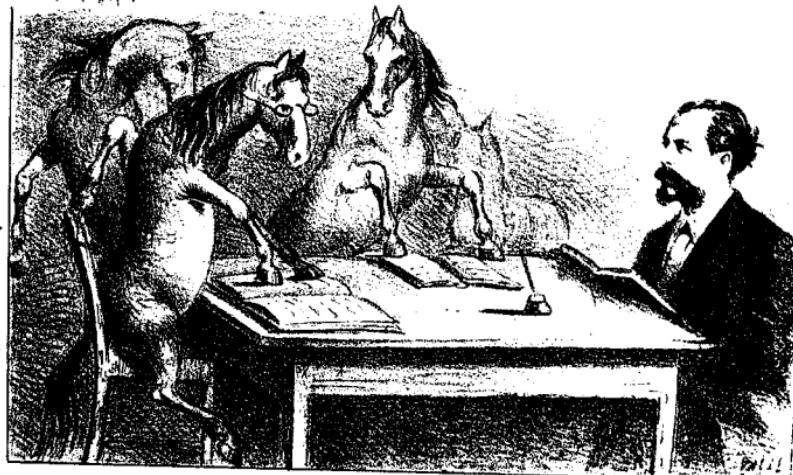
PROVÍNCIAS

Trimestre  
Semestre  
Anno

55000  
105000  
205000

Semestre  
Anno  
Anexo

US800  
215000  
18000



Escola. Chiarino.  
Licoes, todas as noutes, as 8 horas.

## A VIDA FLUMINENSE

Rio, 26 de Agosto de 1871.

Na Câmara Temporaria lá vai passando aos tram-  
bulhões o projecto do Governo sobre o elemento  
servil.

Como as águas do um rio, que se estendo sobre  
leito recaçado da salutis e cascatas, o pobre projecto  
não pôde dar um passo para diante sem ter de superar  
uma dificuldade.

Numerosa, cerrada e eloquente phalange lhe em-  
barca o caminho com um encarniçamento talvez nunca  
visto até hoje.

Numerosa, cerrada e silenciosa maioria lhe protege  
a marcha com uma dedicação digna do maior reparo.

Para aquello tudo é pessimo no projecto ; para «sta  
tudo excelente, no que estão ambas bem longe da  
verdade !

Pera cada artigo ferio-se uma verdadeira batalha,  
que durante muito tempo ficou duvidoso, até que se  
decidio sempre em favor das forças do governo, graças  
à opportuna intervenção do General Holha, que é o  
Frederico Carlos, o recurso extremo das pelejas parla-  
mentares.

Está passado o deslizadouro mais difícil. O turreno  
da terceira discussão deve ser meros disputado ; e no  
Senado, segundo se diz pela boca pequena, cami-  
nhará a questão *sur des roulettes*.

Vér para crer.

Seja, porém, como fôr, já não deve restar a menor  
dúvida de que o projecto breve se converterá em lei.

Para mim, o pratinho melhor de toda a discussão foi o  
discurso do Reverendo Cincinato (enganei-me, queitão  
perdoar)... do Reverendo Sr. Conego Castillo (tornei  
a enganar-me ; é célebre !)... do Reverendo Sr. Conego  
Pinto de Campos. (ogora sim !).

Espereavam todos um soturno do lagrimas... e não  
passou a couse de uma — scena comica engracada, tão  
engracada !

O Vasques da Phenix ficou abaixo de zero, muito  
abaixo !.

Era um gosto vêr o anafuso sacerdote todo dongo e  
« *Todo por dentro e fora illuminado* »  
sorrir para a direita, meterjar para a esquerda, reme-  
cher-se, espumar, *fazer um bico* para os que o tiro-  
teavão com apartes, piscar olho para os que o apla-  
audião, e desencavar dos bolsos um, dous, tres, oito,  
trinta, cincuenta e seis documentos, cuja leitura fazia  
com uma propriedade nas inflexões e nos gestos que...  
não lhes digo mais nada.

E na Câmara, de instante a instante, corria uma  
gargalhada geral, como nos bons tempos em que o Mar-  
tinho representava o *Nôvigo da Penna* !

E Sun Reverendíssima esteve até agora colado !

Porque ?

Porque, não me dirão ?

Deverem estar lembrados todos os que me honraram  
com a leitura dos artigos que sobre o contracto dos  
coelhos escrevi no *Jornal do Commercio* e no *Diário  
do Rio*, que ha quinzo dias desafiei o Sr. Mariano Pro-  
copio a vir declarar na imprensa que motivos tinha,  
além do mais, que suspeita informação do *culpado con-  
fesso e não demitido*, para duvidar da minha boa fé,  
para averbar-me de *traidor* pelo pretendida assove-  
ração do dia 21 do mês passado.

O silencio do Sr. Mariano autoriza-me, com bem  
mais razão, a duvidar por minha vez da bona fé de  
S. S., porquanto nenhum homem que se respeita abra-  
lange-se a afirmar uma coisa que não pôde provar.

S. S., *mechor dô que ninguem*, sabe quem é o ver-  
dadeiro o unico responsável pelo que se deu.

Como se animou, então, a injuriar-nos em seu dis-  
curso, iludiendo o Governo, a Câmara e o paiz inteiro ?

Der-se-ha caso que o Sr. Mariano falle sem pensar,  
como assigna *sem ler* ?

Der-se-ha caso que conheça tão pouco sua língua,  
que empregue vocabulos em accepções mui diversas do  
que a que elles realmente tem ?

Verdade seja que em pheno *Jornal do Commercio*  
apareceu o Sr. e as banvolas phrases do Sr. Ministro da  
Agricultura e da Reforma. Entretanto que disserão o  
Sr. Conselheiro Theodoro e o orgão do Centro Libe-  
ral ?

O primeiro declarou solemnemente à Câmara que o  
Sr. Mariano havia sido pouco zeloso no cumprimento  
dos seus deveres ; o segundo qualificou de *indigno e  
cynico* o procedimento de S. S.

Basta isto para dar uma idéa exacta da *illustração*  
de S. S.

Mas, com a bréca, que culpa tenho eu que elle seja  
 tão ignorante do idioma que ouve falar todos os dias ?

Que culpa tenho eu que não aprendesse a ler e a  
escrever, como aprendeu a *contar* ?

E se não era sua intenção offendere-me, porque não  
veio depois retractar-se francamente na imprensa, bat-  
endo tres vezes no peito ?

Isso é querer proceder bona fide.

Não o fazendo, nem podendo provar o que avançou  
a meu respeito, collocou-se o Sr. Mariano na tristís-  
sima contingência de passar por calunioso ou por...  
papagaio inconsciente do que diz.

A. de C.

## Assumpcio de varias côres

O sordão do « Club Gymnastico Portuguez. » — O Circo-  
Charini — O Chale e Malh Arnal. — O casal das « Faz-  
ras Sicilianas. » — A monina Luiza Leonardo. — Alida  
Ferranti. —

O club gymnastico portuguez, sempre prompto a au-  
xiliar efficazmente os nossos estabelecimentos de cari-  
dade, deu a 29 do corrente um sordão em beneficio do  
Asyl de Mendicidade, onde se distinguiram alguns amado-  
res e artistas que se haviam prestado a executar a  
parte musical do programma, e os socios do mesmo-

Club sobre quem recalhava a responsabilidade dos trabalhos gymnasticos, e do esgrima.

Em relação a estes causou geral surpresa o modo arrojado porquê foram executadas varias corte-s distinguiendo-as entre elles o "Salto do Niagara" e as "Tres pranchas seguidas".

Tratando das peças de concerto, seria imperdoável não arquivar aqui o exíto obtido pelos concertistas Reichert, Coulonne, Celestino Junior e Callado, e pela Ex<sup>a</sup> Sra. D. Adelina Costa, a quem o numeroso auditório aplaudiu tão justa quão entusiasticamente.

A directoria conseguiu ainda honrar, como sempre costuma fazê-lo, os sons convidados pelo cavalheirismo e affabilidade que lhes dispensou durante toda a noite.

De volta da sua peregrinação pelo Sul, onde, ao que parece lhe foi abundante a colheita de louros e .. prata, achava outra vez n'esta corte o incansável Sr. Chiarini, professor de alta equitação e chefe de uma companhia de artistas gymnasticos, cujos trabalhos, originais na quasi totalidade, tem posto a arder o juizo da muita gente. Esta circunstância, reunida ao gosto que a nossa população sente por este esporte de divertimentos, tem levado n'estas últimas noites à rua do Espírito-Santo uma afluência de espectadores avidos de passar, perante os prodígios de inteligência operados pelos cavaleiros de mestre Chiarini, e sequilos de aplaudir a graça e leveza da jovem Catharina Holloway, os primorosos trabalhos de Theodoro, Belém Cuba, e dos irmãos Carla, e os intervalos burlescos do célebre Rowland.

Folga com isso mestre Chiarini que vê assim recompensados os seus esforços para contentar as exigências do nosso público, e passam noutras bem divertidas os que frequentam o circo real italiano de preferencia a outros divertimentos, onde nem sempre encontram tão crescido numero de seduções adaptadas ao seu pátadar.

No Alcazar faz extraordinaria carreira a opera *Le chafet* primorosamente cantada por M<sup>a</sup>rra Arnal.

A gentil cantora, tão festejada já na "Filha do Regimento" e nos "Dragões de Villars," encontra no trabalho do Adam óptimo enredo para a manifestação dos seus recursos artísticos, e nos diversos trechos do *Chafet*, alegre de mostrar cada vez mais o estudo serio a que subjetou a sua garganta, justifica plenamente os elogios que a imprensa europeia lhe dispensou sempre.

Para preencher o spectaculo adiciona mestre Arneud à opera de que estou falando alguns intermedios, —destinados a pôr em relevo as qualidades... de M<sup>a</sup>rra Suzanne, a nova rainha da cunheta breteira, como lhe chamam lá pelo Alcazar— e, como se isso não bastasse, vem ainda a "Cângio de Fortunio," do lado os admiradores de M<sup>a</sup>rra, Irma-Marié, e mostrar ao Sr. Arneud que a variedade é o melhor atrativo de que um director pôde lhevar mão... para enriquecer de pressa.

Estava anunciada para hontem a primeira repre-

sentação das *Vesperas Sicilianas*, no theatro D. Pedro II.

A impressão causada pelo ensaio geral foi óptima. A musica, especialmente o final dos 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> actos e o duetto do 4<sup>o</sup> entre Pasi e Lelmi, dispertou verdadeiro entusiasmo nos amadores que assistião à prova. Se por um lado é isso devido às grandes belezas da opera, não é menos para louvar, por outro, o modo brilhante por que Agostini faz executar as diversos trechos della, imprimindo-lhes o colorido proprio, e longando mão de efeitos originalissimos para dar o preciso relevo ao trabalho de Verdi. Na execução da parte cantante distingu-se a Sra. Pasi, e os Srs. Lelmi, Ordinos e Marziali.

Foi oferecido a esta redacção um exemplar da *Prévia* dedicada à memoria de Thalberg, e composta pela menina Luiza Leonardo, de 12 annos de idade.

É um trabalho surpreendente em relação à tempridade da compositora, e que revela um talento vigoroso a par de uma vocação da qual tudo ha a esperar no futuro.

Oferecemos-nos também o *Relatório apresentado à Assemblea Geral da sociedade União e Beneficência*.

Aos amigos e admiradores de Ferranti noticio que vão a caminho os ensaios da *D. Pasqualle*, opera que deve subir à cena, no theatro da Guarda-Velha, até ao fim do mês, em beneficio do sympathico *basso-comico*, cuja celebridade, no seu gênero, foi outrora reconhecida pela imprensa europeia, como hoje o é pela das Americas.

E apôz isto nada mais ha a noticiar.

A. DE A.

### As *Vesperas Sicilianas*.

OPERA EM 5 ACTOS.

Poema de — Eugenio Scribe. — Musica de José Verdi.

Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro, em Agosto de 1871, no theatro — D. Pedro II. — sob a direção do distinto mestre

ANGELO AGOSTINI.

Distribuição.

Guy de Monfort — Governador da Sicilia, sob o reinado de Carlos d'Anjou	Mr. Marziali.
O senhor de Benthume — Official francêz	Mr. Scarabelli.
O conde de Vaudement — Official francêz	M. Pons.
Arrigo — Jovem siciliano	Mr. Lelmi.
João de Procida	Mr. Ordinas.
A duquesa Helena... irmã do Duque Frederico de Austria	Sra. Pasi.
Nineta — Camareira de Helena	Sra. Gori.



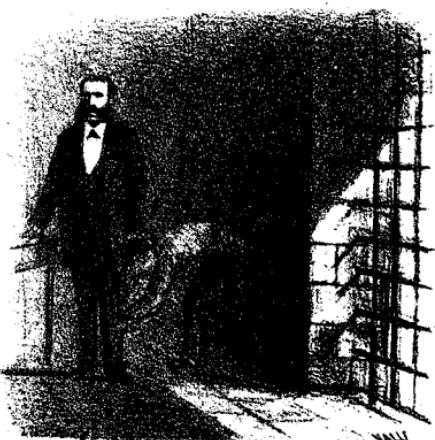
Mo exquez da camal, o Sr. Pantaleao Tar-  
oundo pionnette nro dicasa, hassava o dia-  
tor faver das suns.



Por isso arrado dos pés a cabeça e se-  
quide pela sua gente dirgo-se a prov-  
ince, mas proxima.



Onde o encarcarado seu mais comumaria,  
mudando de hora em que se tomrou  
de deixar a batina... de Miguel de Cervantes.



Pantaleao, lembrar se de que é preciso vari-  
fcar se o homem traz armas proibidas.  
... apalpa... toma a apalpa... e...

ia?  
saram na Corte.

677

AVIDA LITERARIA



Quando, sob pretexto de que o individuo usava  
decoras proibidas, da voz de traição al-  
em, houve um rei que o amava a gosto.



A vítima guardada à vista durante o  
dia, e levada, de noite, à luxo de arquibancadas  
até as quadras do lugar.



desencontrando poe no seu liberdade  
pormplo a exigiu uma reparação pela  
liberdade de que foi vítima.



"Jongo de jagabás, que lhe que dendar"  
Bom de o rei. Vou convidar os figos, aos  
outros rebentá-lhes a boca.

Daniel — Siciliano . . . . . Sr. Toffanari.  
 Thibault — Soldado francês. . . . . » Marina.  
 Roberto — Idem . . . . . » N. N.

Soldados franceses, povo siciliano, pagodes, damas francesas e sicilianas, cônus, banda, corpo de baile, penitentes e o carrasco.

A cena passa-se em Palermo, pelos fins de Novembro de 1650.

ACTO I.

(Na grande praça de Palermo, ao fundo o palácio do governador. A<sup>o</sup> direita o da duqueza Helena. A<sup>o</sup> esquerda a entrada de um quarteirão).

Thibault e Roberto, sentados a uma meza, bebem alegremente, no passo que alguns sicilianos de ambos os sexos passam ao fundo olhando de trás para os franceses. Não poupan estes molejós contra a Sicília, despartindo assim cada vez mais o ódio dos sicilianos, e incutindo-lhes desejos de pronta vingança.

Sobre-rém Helena, encostada ao braço de Ninetta e seguida por Daniel. Coberta de luto e segurando um livro de orações, a duqueza saída os sicilianos que lhe retrucam respeitosamente.

Vaudement e Bethune, saíndo do quartel, vêem Helena.

Pugnava o primeiro ao segundo quem é aquela mulher tão formosa. Ao saber que se trata da irmã do duque, Frederico não pôde Vaudement conter alguns ditos através dos quais o ódio transparece; mas bem depressa Bethune lhe pôde que se cal, e os ditos cessam sem que um só chegue aos ouvidos da duqueza.

A sóis com Daniel, fala este dos dissabores, que a oppõem. Os franceses, então, largam a meza e procuram por entre os sicilianos quem os divirta cantando uma canção. Vindo Helena, obrigan-na a cantar. Obedece a duqueza entoada um canto alusivo às desgraças da Sicília e no modo porque o povo podia remediar-as. Os sicilianos, levados pelo entusiasmo patriótico que n'elles despertava as palavras da duqueza, estam a ponto de cabriarem sobre os franceses, quando, à porta do seu palácio, aparece de Guy de Montfort. A tal respeito, o povo recua atemorizado e obedece inchaudamente a um gesto do governador que lhe ordena de retirar-se dali.

Sobrevenido Arrigo, que, som dar por Montfort, se dirige a Helena, surprehendida de ver solto o homem que ella julgava ainda encarcerado. Arrigo conta-lhe que à clemência dos juizes deve a sua liberdade. Sem dizer o seu nome, Guy contesta a veracidade de tais palavras, e diz-lhe que só o governador deve o moço siciliano a sentença que o absolveu.

Arrigo não o acredita, e sente não condecorar o governador para vingar-se das crueldades de que a Sicília é vítima.

Guy descobre-a entã, e ordena à duqueza e a Ninetta que o deixem a sóis com Arrigo.

O governador interroga-o-primeiro, e jura, depois, perdi-lhos se elle se alistar no exército francês e não entrar mais no palácio da duqueza.

Arrigo recusa formalmente ambas as condições.

Alistar-se no exército francês seria crime, do que elle é incapaz; deixar de ver a mulher que ama, sacrificando superior às suas forças. Debalde Guy de Montfort insiste, ameaçando-o. Arrigo, para lhe mostrar o caso que faz de suas ameaças, entra no palácio de Helena lançando um olhar raioso sobre o governador, que, pela sua parte, o contempla comovido e sein força d'esta vez para embargá-lhe o passo.

ACTO II.

(Valle nas imediações de Palermo. Arvores à direita, uma capela à esquerda; ao fundo o mar).

Dentro de um bote chegam dous homens, que desembarcam. Um delles é João de Procida, que, de havido destronado, volta à pátria para suportar a testa do movimento revolucionário que deve libertá-la do jugo estrangeiro.

Associam-se-lhe alguns sicilianos, que só esperavam o seu regresso para dar o golpe decisivo; e quando todos vão a salir para, mais reflectidamente, planejarem a desejada vingança, Helena e Arrigo, que saíram da capela, dão por Procida, e, depois de patenteá-lo a satisfação que tem de vê-lo restituído à pátria, interrogam-no acerca dos passos que deu para a sua libertação. Debalde percorre Procida toda a Europa solicitando a intervenção estrangeira; mas, se por esse lado nada havia obtido, voltava elle à Sicília fido mais que nunca no patriotismo de seus filhos e pronto a morrer à frente d'elles ou esmagar para sempre o jugo que os oppunha.

Arrigo e Helena prometem-lhe cooperar para a realização de tais projectos, e Procida, comovido pelo entusiasmo de que ambos se acham possuidos, deixa-o para ir reunir-se aos conjurados.

A sóis com Helena, Arrigo patenteá-lhe o amor que ella soube inspirar-lhe... Amava-o também a duqueza, e por isso de bom grado lhe escuta a declaração, prometendo ser sua esposa, se elle vingar as cições de seu irmão, o duque Frederico, decapitado pelos usurpadores da Sicília. O namorado moço jura cumprir a condição imposta.

Chega Bethune, portador de uma carta de Guy para Arrigo.

É um convite para o baile que o governador dá em seu palácio.

Arrigo recusa. Bethune vê na recusa um insulto, e dá ordem a seus soldados para que prendam o alívio siciliano e o conduzam à presença do Governador.

Helena conta o ocorrido a Procida, que entra nesse momento, o pede-lhe que, ajudado pelos cojurados, liberte o homem escolhido pelo seu coração.

Procida, vendo que por ali se dirige muita gente, diz-lhe que mais tarde procurará satisfazer seus desejos.

Chegam, então; Ninetta, Daniel, Manfredo e muitos sicilianos que circundam alegremente, alguns pares distos, que, em demanda da capela, vêm ali celebrar a sua união. Fazem parte do grupo Robert e Thibault a fronia de muitos soldados franceses.

Estes gracejam com as noivas, e de repente, a um sinal de Robert, cada um se apodera da que lhe está

mais proximo, e procura leval-a comigo á força. Os sicilianos arrojam-se sobre os franceses intimidando-lhes a restituição das pobres moças; mas os soldados, desembainhando as espadas, obrigam-nos a retroceder. Proceda conserva-se ao lado da duqueza para defendê-lo de qualquer insulto, ao passo que os franceses saíam alegremente pelo fundo arrastando quasi as mulheres de que se haviam apoderado. Proceda e Helena aprovavam o desejo para mostrar aos sicilianos a tirania da que são victimas, e a cobardia com que a supõem. Estes, em face do insulto feito á sua honra poucos momentos antes, juram vingar-se dos seus opressores.

Passam então, ao fundo, alguns officiaes franceses e varias damas francesas e sicilianas, que, a bordo de elegante embarcação, se dirigem no baile do governo-dor.

Proceda, sabendo por Helena, dessa festa, onde devem reunir-se todos os inimigos do Sicilia pede aos sicilianos que o sigam, dizendo-lhes que soon finalmente a hora de libertar a pátria.

A DE A  
(Continua).

### AS MARGARIDAS.

(Continuado do n. 188).

Uma noite, ao cabo de seis meses, Lazarina ao entrar em scena viu Jorge n'um camarote do proscenio, acompanhado tão somente por uma mulher elegante, a quem por vezes falava baixinho. Ao princípio Lazarina ficou feia de si, mas, procurando serenar o espírito agitado, encarou Jorge fixamente.

Nessa noite representou elle com indisciplinável graca.

Porém, apenas findou o espectáculo, retirou-se para casa e chorou amargamente durante toda a noite.

No dia seguinte, sobrevieram febre, e a polre rapariga sentiu a cabeça em fogo e opprimido o coração.

« *Eulálio, eu anavava-a!* » dizia villa, sem saber explicar a si mesma o que sentia, embora o ciuno fosse n'aquele momento uma especie de relâmpago que lhe deixava ler no fundo do coração.

Pouco depois lembrou-se de escrever a Jorge: mas o orgulho da mulher que so vê preferida, oppôz-se a tal resolução. Sua mao, sem compreender cosa alguma do que se passava na alma de Lazarina, fazê-la repetidas perguntas.

« *Isto ha de passar minha mãe* » eis a unica resposta que a pobre vella obtinha.

Esta, porém, ao sentir que as mãos de Lazarina escaíavam, insistiu:

« *Occullas-me alguma cousa,* » dizia-lho ella.

« *Porque o faria, minha mãe?* Estejá socegada, isto ha de passar. »

Ao cabo de quatro dias, Lazarina, achando-se livre da febre, pegou n'uma caixinha onde guardava as cartas de Jorge, e lançou tudo ao fogo. Apenas a chama consumiu o ultimo pedaço de papel, ella res-

piou desafogadamente, vestio-se, e foi passear á Tuberias.

De volta a casa, lançou-se nos braços da mãe, e beijando-a carinhosamente:

« *Pôdes dormir tranquilla, minha boa mãe. Achou-me completamente curada.* »

Mas Lazarina tinha vinte e um annos, e vivia n'uma atmosfera onde os sentimentos, á imitação de plantas cultivaes em estufa, se desolvem rapidamente.

Uma inquietação secreta, agitando-a por vezes, tornava-a propensa ás emoções, sem, contudo, lhe fazer perder uma só partícula do seu natural orgulho e alvez. A inocidez, o espirito, e a beleza aconselhavam-lhe o amor; mas o amor tal qual o vira nos bastidores, revolvia-a.

Uma actriz provoca na arte o conhecedora do mundo, compreendendo superficialmente os sentimentos de Lazarina, e vendoa-a um dia sorrir a um dos seus prefeitos, disse-lhe com certa familiaridade:

« *Sempre ficei, sempre disposta a sorrir, mas seu alma para amar deveras! Que carácter feliz!* »

Lazarina olhou para elle rindo-se, e em resposta repetiu-lhe o título da cançone: « *L'amour qu'est-ce que c'est que ça?* » muito em vogas, então, em Paris.

« *Colo ou tarde o sobreis,* » queridinha. « *O rapido e como as folhas que, embora verdes durante algum tempo, secam depois, e... cahem por ultimo. Tomai sentido em não cair em mios que não saibam apreciar-vos; é tudo quanto me compete dizer-vos.* »

Este e semelhantes discursos augmentava<sup>m</sup> por tal sorte a confusão de idéas da pobre moça, que ella nem já sabia que partida tomar.

Instantes havia em que a idéa do casamento se lhe antolhava risonha. Era moça e bonita, havia só ido resistido as mil seduções que a scena oferece ás mulheres que a pizam, — porque não encontraria ella um homem disposto a conceder-lhe o seu nome e a sua mão?

Casada, ficaria a sua virtude ao abrigo dessas tentações que minam primeiro os sentimentos honestos, para leval-os, depois, á perdição.

Mas casar é cosa tão facil do dizer-se, como difícil de fazer-se, quando se faz parte da companhia de qualquer theatro, e, forçá o convir, que, embora Lazarina tivesse por si a consciencia da sua virtude, bem poucos acreditavam n'ella.

(Continua.)

EDUARDO PONS, artista de canto da companhia lycica italiana, propõe-se a dar lições de canto, e flauta, e sua senhora M<sup>me</sup>. E' letra S. de Pons, propõe-se a ensinar piano.

As pessoas, que desejarem utiliar-se do seu prestímo, podem dirigir-se á rua da Guarda Velha n. 27.

Typ. de CARLOS F. MUELLER, rua da Ajuda n. 16.



D. Basilio.  
La calumnia è un conticello  
che fa di un sacerdote un traditore!